

RESENHAS

SIMIAND, François. *Método histórico e ciência social*. Tradução de José Leonardo do Nascimento. Bauru: Edusc, 2003. 118p.

No início do século XIX, a História, nas palavras de François Furet, em sua obra *A oficina da história*, se tornava uma disciplina tecnicamente ensinável em todos os níveis do aprendizado escolar, com procedimentos de pesquisa específicos, por isso, sendo concomitante com o processo de profissionalização do ofício de historiador, preferencialmente, na Alemanha e na França. Foi com a ‘escola histórica alemã’ e a ‘escola metódica francesa’ que a História almejou o *status* de ciência, seguindo ao mesmo processo de autonomia e especialização das áreas do saber nas Ciências Humanas, que pretenderam acompanhar as Ciências Exatas e Biológicas, que vinham trilhando este caminho, desde, pelo menos, o século XVIII. Ao pretender se tornar uma ‘ciência’ a História, tal como encaminhada pela historiografia Oitocentista, circunstanciou e executou um acirrado debate com as Ciências Sociais, naquele momento em pleno processo de desenvolvimento de áreas, procedimentos, problemas e objetos de pesquisa, e esse diálogo se dava nas Universidades, lugar social de onde estiveram se agrupando historiadores e cientistas sociais, com vistas a constituírem seus respectivos ofícios profissionais.

Produto (e também produtor) desses debates, foi o texto do sociólogo durkhaminiano François Simiand (1836-1935) que, além de historiador, foi economista e professor do *Collège de France*. Originalmente um conjunto de conferências, depois publicadas no ano de 1903 na *Revista de Síntese Histórica*, então dirigida por Henri Berr, e republicadas em 1960 na *Revista Annales*. Em 2003, na comemoração do centenário da publicação original do texto, foi traduzido no Brasil pela Edusc, com uma bela apresentação do professor José Leonardo do Nascimento, situando historicamente

o texto e avaliando sua herança intelectual para as gerações seguintes de historiadores. O texto intitulado *Método histórico e ciência social*, manteve-se dividido em duas partes, com cinco pequenos capítulos cada uma delas.

Assim, não foi por acaso que François Simiand escreveu aquele texto. Ele escreveu sua obra em tempos difíceis para a historiografia ‘dita positivista’, já que esta se achava fortemente influenciada por historiadores metódicos que, não raro, tornavam o diálogo entre História e Ciência Social tenso, principalmente, por conceberem a História como mestra das disciplinas, reduzindo as demais, a meras ciências auxiliares.

Foi combatendo esta visão que François Simiand debaterá com Charles Seignobos e Charles Victor Langlois, tecendo um ataque direto à “escola metódica”. Assim, inicia a primeira parte de seu livro com uma introdução, onde começa a mostrar as discórdias e as concórdias entre o método histórico e a ciência social, esclarecendo as noções de História e Ciência Social. A partir daí iniciava suas críticas a Charles Seignobos, por não diferenciar ‘psicológico’ e ‘subjetivo’. E, assim, aspirando uma retomada da noção de *objeto*. Na defesa da idéia de não-exteriorização dos fenômenos sociais, questionou as concepções materialista, e chega, até, a chamá-las de *grosseiras*. Simiand mostra seu descontentamento com as afirmações de Seignobos de que o fenômeno social é uma mera abstração e, seguindo esta mesma abordagem, denuncia a presença de ideais “contratualistas” (contrato social) nos métodos destes historiadores metódicos. Esta denuncia abrirá espaço para discussões sobre a “noção científica de causa”, em que Simiand declarou ser esta “noção” formulada por Seignobos, e de maneira imprecisa e mal feita. O autor meditou, ainda, sobre a falta de métodos claros na eleição da causa, a partir de vários fatos anteriores, e fazendo sérias reflexões sobre verossimilhança. Ainda, trabalha com dois pontos nesta abordagem sobre a “noção científica de causa”, quando analisou o valor da “explicação psicológica” e a “explicação finalista”.

O “contingente” teve amplo espaço nesta primeira parte da obra, tendo seu uso defendido categoricamente pelo autor. No término desta parte, a discussão chegará a um ponto fulcral: o autor lançará sua visão sobre os documentos, revelando, assim, seu descontentamento com as observações individuais lançadas nas fontes pelos metódicos. De modo que encerrou a primeira parte de seu livro, deixando bem claro que acredita na possibilidade de efetuação de experiência e mensuração, em matéria social.

A segunda parte também foi precedida por uma introdução, na qual Simiand prometeu dar vida às discussões sobre a possibilidade de cooperação entre História e Ciência Social, um novo caminho. Iniciou a segunda parte do livro, examinando a vulnerabilidade da História que se dizia ‘exata’, ‘imparcial’,

‘sem fins tendenciosos’ e ‘moralizadores’. Exame que, desdobrar-se-á, até os “quadros da história”, que ele muito critica. O autor proclamará uma sociologia geral, em detrimento de uma sociologia fragmentada, e defenderá um estudo analítico e comparativo. Ponderações a respeito do ‘quadro sistemático de ciências sociais’ de Hauser e Seignobos serão feitas por Simiand, que também fala do atraso nos estudos históricos, no que tange a fenômenos econômicos, o que o levou a conclamar análises mais “globalizadas”. Simiand continuará sua incurção contra as ambições dos historiadores tradicionais, afirmando não haver possibilidade de uma teoria, sem abstração e sem ponto de vista tendencioso, e apelando para uma mudança na *direção do espírito* da pesquisa.

François Simiand fecha seu livro com um ataque percuciente aos ‘ídolos da tribo dos historiadores’, predicando que estes deveriam ser senão abandonados urgentemente, ao menos repensados completamente pelo historiador. Foram, para o autor, três os ídolos destacados: o ídolo político, o ídolo individual e o ídolo cronológico. Que, segundo ele, comprometeriam muito a pesquisa histórica. Sem dúvida um ataque muito ousado naquele momento de predominância ainda da história tradicional, dita também política e diplomática, já que todos aqueles “ídolos” eram altamente venerados pelos historiadores da ‘escola metódica’.

Historiadores ‘historicizantes’, ou ‘metodologista’, e *évenément*, termos que visitaram a historiografia do século XX, principalmente através dos *Annales*, e que chegarão com força aos nossos dias, foram oriundos daquela obra manifesto. Talvez uma prova a mais do quanto ela foi relevante, e continua sendo mais de um século depois de sua publicação original. François Simiand foi, apesar de algumas limitações, um precursor e entusiasta de muitos avanços historiográficos do século XX; quem sabe até adiantando algumas reivindicações, que ainda seriam feitas pelo movimento dos *Annales* nos anos de 1930. Além disso, também foi considerado inspirador da área de história econômica dos *Annales*. Em dias, como os nossos, em que se vive à procura de ‘novos’ caminhos para a ‘reflexão’ e a ‘escrita da História’ este livro, torna-se indispensável, e merece lugar de destaque na biblioteca daqueles que se interessam em desvendar os meandros da historiografia contemporânea, bem como daqueles que se lançam no trabalho de delinear os rumos que a historiografia tomará nas décadas vindouras.

André Dionei Fonseca

Diogo da Silva Roiz

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul